

CARYS DAVIES

Oeste

TRADUÇÃO
José Rubens Siqueira

ALFAGUARA


Pelo que ela podia ver, ele tinha duas armas, uma machadinha, uma faca, o cobertor enrolado, um grande baú de lata, várias bolsas e trouxas, uma das quais ela imaginou que devia conter as coisas de sua mãe.

“Até onde você tem que ir?”

“Depende.”

“De onde eles estão?”

“É.”

“Então até onde? Uns mil e quinhentos quilômetros? Mais de mil e quinhentos?”

“Mais de mil e quinhentos, eu acho, Bess, é.”

A filha de Bellman enrolava um fio solto do cobertor que até aquela manhã tinha estado na cama dele. Ela olhou para ele.

“E depois a mesma coisa de volta.”

“É, a mesma coisa de volta.”

Ela ficou calada por um momento. Havia nela um ar sério e compenetrado, como se tentasse imaginar uma viagem daquela magnitude.

“É muito longe.”

“É, é, sim.”

“Mas vale a pena, se encontrar eles.”

“Acho que sim, Bess. É.”

Ele viu que ela olhava para as trouxas, as bolsas, o grande baú de lata e se perguntou se estaria pensando nas coisas de Elsie. Não queria que ela visse que as tinha embalado.

Ela desenhava um círculo no chão enlameado com o bico da bota.

“Então, quanto tempo você vai ficar longe? Um mês? Mais que um

mês?”

Bellman balançou a cabeça e pegou a mão dela.

“Ah, Bess, mais que um mês, sim. Um ano pelo menos. Talvez dois.”

Bess balançou a cabeça. Seus olhos ardiam. Era muito mais tempo do que imaginava, muito mais tempo do que esperava.

“Daqui a dois anos eu vou ter doze.”

“Doze, sim.” Ele a levantou e a beijou na testa, disse até logo e, no instante seguinte, estava em cima do cavalo com o casaco de lã marrom e o chapéu preto alto. Partiu pelo caminho de pedras que saía da casa, já em direção ao oeste.

“Você olhe muito bem, Bess, a figura do seu pai indo embora”, disse a tia Julie da varanda, em voz alta, como uma proclamação.

“Olhe para ele, Bess, essa pessoa, esse idiota, meu irmão, John Cyrus Bellman, porque você não vai botar os olhos em um maior. De hoje em diante, para mim ele vai contar entre os perdidos e os loucos. Não espere ver ele de novo, e não acene, que só vai dar força e fazer ele pensar que merece seus bons votos. Entre agora, filha, feche a porta e esqueça dele.”

Bess parou por um longo tempo, ignorou as palavras da tia Julie e ficou olhando o pai se afastar.

Na sua opinião ele não parecia nada idiota.

Na sua opinião parecia imponente, decidido, valente. Na sua opinião parecia inteligente, romântico, aventureiro. Parecia alguém com uma missão que o diferenciava dos outros e, enquanto estivesse longe, ela guardaria aquela imagem dele na cabeça: em cima do cavalo, com as bolsas, trouxas e armas, lá em cima em seu casaco comprido e o chapéu de chaminé, a caminho do oeste.

Ela não tinha dúvida de que o veria de novo.

John Cyrus Bellman era um homem de trinta e cinco anos, alto, corpulento, ruivo, com mãos e pés grandes, barba castanho-avermelhada cerrada, que ganhava a vida criando mulas.

Era instruído, até certo ponto.

Sabia escrever, embora errasse a grafia das palavras. Sabia ler devagar, mas bastante bem, e havia ensinado Bess a fazer o mesmo.

Sabia um pouco sobre as estrelas, o que ajudaria quando precisasse se localizar no mundo a qualquer momento. E, se esse conhecimento se revelasse muito escasso ou deficiente, tinha acabado de comprar uma bússola pequena, mas que esperava fosse confiável e que mostrou a Bess antes de partir — um instrumento do tamanho de uma ameixa num estojo de ébano polido que, quando chegasse a hora, ele prometeu, apontaria para ele, com sua oscilante agulha azul, o lar.

Uma semana antes havia cavalgado até a casa da irmã, Julie, e ficado parado no assoalho limpo e escovado, transferindo o peso de um pé grande para o outro, enquanto ela depenava uma galinha na mesa.

“Julie, eu vou embora”, ele disse com a voz mais confiante e clara que conseguiu. “Ficaria muito grato se cuidasse da Bess por um tempinho.”

Julie ficou calada enquanto Bellman enfiou a mão sob o casaco e pegou do bolso da camisa o recorte de jornal dobrado, alisou-o e leu em voz alta, explicando à irmã o que pretendia fazer.

Julie olhou para ele por um instante, depois virou a galinha de costas e voltou a depená-la, como se a única coisa sensata a fazer fosse fingir que o grande irmão ruivo não tinha falado nada.

Bellman disse que tentaria voltar em um ano.

“Um *ano*?”

A voz de Julie saiu alta e estrangulada, como se alguma coisa tivesse descido pelo caminho errado e ela estivesse sufocando.

Bellman olhou para as próprias botas. “Bom, talvez um pouquinho mais que um ano, mas não mais que dois. E você e a Bess ficam com a casa, o gado, e vou deixar o relógio e o anel de ouro da Elsie para o caso de algum tipo de dificuldade ou necessidade de dinheiro, e o Elmer vai dar uma ajuda com o trabalho pesado, tenho certeza, se você der para ele uma xícara de café e um jantar quente de vez em quando.” Bellman parou para respirar. “Ah, Julie, por favor. Me dê uma ajuda. O caminho é longo e a viagem vai ser lenta e difícil.”

Julie começou outra galinha.

Uma tempestade de penas cor de bronze e brancas se ergueu num redemoinho em torno deles. Bellman espirrou algumas vezes e Julie não disse “saúde, Cy”.

“Por favor, Julie. Estou implorando.”

“Não.”

Era uma aventura lunática, ela disse.

Ele devia fazer alguma coisa sensata com seu tempo, como ir à igreja ou encontrar uma nova esposa.

Bellman disse obrigado, mas não tinha interesse em nenhuma daquelas duas sugestões.

Na noite antes da partida, Bellman estava sentado à mesa de pinho quadrada da pequena casa que ele mesmo havia construído, para tomar café com seu vizinho e ocasional ajudante Elmer Jackson.

Às dez horas, Julie chegou com a bíblia, o guarda-chuva e a malinha de viagem preta que um dia acompanhou a ela, Bellman e a esposa de Bellman, Elsie, na travessia do oceano Atlântico, vindos da Inglaterra.

Bellman ainda não tinha acabado de arrumar a bagagem, mas já estava vestido e pronto para sair com o casaco de lã marrom e a alça da bolsa de couro atravessada no peito, uma longa faixa afivelada. Sobre a mesa, um chapéu chaminé preto, novo, ao lado de suas mãos cruzadas.

“Obrigado por ter vindo, Julie”, ele disse. “Fico muito grato.”

Julie fungou.

“Estou vendo que você pretende ir mesmo.”

“Pretendo, sim.”

“E cadê a coitada da sua garotinha, já quase órfã?”

Bellman disse que Bess estava dormindo na cama ali no canto, atrás da cortina.

Perguntou a Julie se queria café, e Julie respondeu que podia tomar uma xícara.

“Acabei de contar aqui para o Elmer, Julie, a rota que planejo pegar.”

Julie disse que não estava interessada em sua rota. Perguntou por que os homens sempre acham interessante discutir caminhos e o melhor jeito de ir de A até B. Então encostou o guarda-chuva na parede, colocou a bíblia sobre a mesa, sentou-se diante do café e tirou da mala preta uma meia, que começou a cerzir.

Bellman se inclinou para um pouco mais perto do vizinho.

“Sabe, Elmer, dei uma olhada nuns mapas. Não tem muitos, só um ou dois. Na biblioteca circulante de Lewistown tem um velho, feito por uma pessoa chamada Nicholas King, e um não tão velho de um sr. David Thompson, da Companhia Britânica do Noroeste, mas os dois são cheios de falhas, espaços vazios e pontos de interrogação. Então, no geral, acho melhor confiar nos diários da expedição do velho presidente, aquela que os dois capitães famosos fizeram... eles são cheios de esboços e trilhas pontilhadas que mostram o melhor jeito de atravessar o emaranhado de rios no oeste e também uma passagem pelas Montanhas de Pedra até o oceano Pacífico, se eu precisar ir tão longe.”

Elmer Jackson arrotou baixinho. Ergueu os olhos úmidos e injetados. “Qual expedição? Quais capitães famosos?”

“Ah, Elmer, como assim? O capitão Lewis e o capitão Clark. Com aquele grupo grande de batedores e caçadores. Eles foram até o oceano Pacífico e voltaram a pedido do velho presidente. Você não lembra?”

Elmer Jackson deu de ombros e disse que talvez lembrasse, não tinha certeza.

“Bom, eles foram, Elmer. Mais de onze mil quilômetros, dois anos e meio, ida e volta, e estou achando que o melhor jeito é seguir a rota que eles pegaram, mais ou menos, e aí desviar aqui e ali para explorar o que eles não exploraram, na esperança de encontrar o caminho para o que eu estou procurando.”

“Desviar?”

Julie deu um estalo irritado com a língua, e Jackson arrotou baixinho uma segunda vez. Bellman esfregou as mãos grandes. Seu rosto estava rosado de entusiasmo e excitação. Ele pegou um pote de pickles da prateleira acima da cabeça de Jackson.

“Imagine, Elmer, que este pote de pickles é esta casa, aqui na Pensilvânia.” Pôs o pote na frente de Jackson, na extremidade mais à direita da mesa. “E aqui, se posso requisitar sua xícara de café por um momento, Elmer, é a cidade de St. Louis.”

Pôs a xícara de Jackson um pouco à esquerda do pote de pickles.

“Daqui de onde a gente está agora”, tocou o pote de pickles, “até St. Louis”, tocou a xícara de café, “são mais ou menos mil e trezentos quilômetros.”

Elmer Jackson fez que sim com a cabeça.

“E bem aqui”, os olhos úmidos e injetados de Jackson acompanharam

as mãos de Bellman enquanto colocavam o chapéu novo e alto na extremidade esquerda da mesa, “estão as Montanhas de Pedra, também conhecidas como Rochosas.”

“Bem. Eu preciso é viajar primeiro para St. Louis, onde atravesso o rio Mississippi, e de lá”, começou a traçar com os dedos um longo arco que começava na xícara de café, fazia uma curva e cruzava o grande espaço vazio do meio da mesa na direção do chapéu, “sigo o rio Missouri como os dois capitães fizeram, até as montanhas.”

Elmer Jackson comentou que, em relação aos mil e trezentos quilômetros entre o pote de pickles e a xícara de café, a viagem beirando o Missouri parecia longa.

“Ah, é mesmo, Elmer. Muito longa. Calculo uns três mil e duzentos quilômetros. Só que vai ser mais longa ainda, porque, como eu disse, vou fazer uns *desvios*. É, vou, sim. Vou desviar bastante enquanto for indo, para dar uma olhada em algumas áreas grandes e vazias que os dois capitães não olharam.”

Jackson, cujos quarenta anos de vida até então tinham sido lentos, sinuosos e às vezes numa jornada circular por uma sucessão de moinhos de grãos, fundições, cervejarias e períodos de ócio, soltou um longo assobio. Disse a Bellman que nunca pensou que ele fosse tão aventureiro. “E depois do chapéu?”

“Depois do chapéu, Elmer, tem um pedaço meio comprido até o oceano Pacífico, mas eu espero não precisar ir tão longe. Se eu não encontrar o que estou procurando perto do rio, espero então que esteja aqui, antes das montanhas”, as mãos grandes contornaram o espaço aberto da mesa, “em algum lugar desse vasto e desconhecido território interior.”

Elmer Jackson coçou a barriga, serviu-se de outra xícara do café de Bellman e declarou que não conseguia pensar em uma única coisa que o convencesse a levantar *sua* bunda da cadeira e atravessar a porra da terra inteira.

Julie disse que agradecia se Elmer Jackson não falasse palavrões.

Julie perguntou: “Não te ocorreu, Cy, que pode haver selvagens?”

Os selvagens que ele encontrasse, disse Julie, iam com certeza cair em cima dele na hora em que vissem seu cabelo vermelho-vivo e sua grande, estranha e desajeitada figura se aproximando no sertão.

Bellman disse que esperava que não.

Bellman disse que tinha ouvido dizer que os índios do lugar para onde ia ficavam muito contentes se você tivesse um suprimento de objetos manufaturados úteis e um punhado de bugigangas para lhes dar, e ele estava levando uma boa quantidade disso.

Jackson ergueu uma sobrancelha espessa e disse que já tinha encontrado ali nos Estados Unidos todos os índios que esperava encontrar por uma vida inteira e que não havia nada que o tentasse a desafiar todas aquelas caras pintadas espalhafatosas e corpos seminus, mesmo que brevemente.

Bellman balançou a cabeça. Sorriu de seu jeito cordial, deu um tapinha no cabo da faca e no cano do rifle que estava apontado para cima e encostado à mesa.

“Vou ficar bem, Elmer. Não se preocupe.”

Julie pressionou os lábios, sacudiu a meia no colo e disse que não entendia por que uma pessoa viajaria quase cinco mil quilômetros na direção oposta à de sua casa, de sua igreja e de sua filha sem mãe. “Nenhum bom pai, Cy, deixaria a própria filha por uma bobagem dessas.”

Elmer Jackson deu uma risada abafada. Parecia achar muito divertido o toma lá dá cá entre irmão e irmã.

Bellman soltou um longo suspiro. “Ah, Julie...”

“Não me venha com ‘ah, Julie’, Cyrus.”

Bellman suspirou. Havia nele um ar desamparado. “Eu tenho que ir. Tenho que ir e ver. Só isso que eu posso dizer. Tenho. Não sei mais o que dizer.”

“Podia dizer que não vai.”

Bellman estendeu uma das mãos grandes como patas para a irmã do outro lado da mesa. Silenciosamente, quase reverente, e com uma espécie de deslumbramento infantil, ele disse: “Se estiverem lá, Julie, vou ser eu quem volta com a notícia da existência deles. Não seria uma grande coisa?”

Julie riu. “Seria uma grande coisa, Cy, se você deixasse a Bess e eu com mais do que um relógio velho, um anel de ouro e um curral de animais miseráveis — um garanhão velho, um trio de éguas exaustas, um punhado de burros e jumentas, umas mulinhas não vendidas e uma velha mula mal-humorada.”

Elmer Jackson bebeu o resto do café e se levantou com um sorriso.

Esfregou a mão na barriga e a estendeu, então anunciou que já passava de sua hora de dormir. Ao sair, deu um tapa no ombro de Bellman e disse a Julie que, sempre que precisasse de ajuda com as mulas, era só chamar.

Quando chegou a manhã, Bellman estava ajoelhado na varanda remendada e inclinada arrumando as bolsas e trouxas que ia levar.

Por que, perguntou Bess, ele estava levando a blusa de sua mãe?

A blusa de Elsie listrada de branco e rosa estava nas mãos grandes de Bellman enquanto ele pensava em qual bolsa colocar.

“Pela mesma razão, Bess, que estou levando o dedal e as agulhas de tricô dela.”

“E por que isso?”

Bellman hesitou. Olhou para as mãos. “Porque ela não vai mais precisar disso, e eu vou.”

Então lhe contou sobre os índios — que tinha ouvido falar do quanto gostavam, tanto homens quanto mulheres, de belas peças de roupa e objetos úteis de metal. Um deles podia se sentir muito atraído pela blusa de sua mãe, outros por suas longas agulhas de tricô de metal e pelo dedal de cobre. Em troca, eles lhe dariam todo tipo de coisa de que ele iria precisar no decorrer da viagem.

“Que tipo de coisa?”

Bellman encolheu os ombros. “Comida. Talvez um cavalo novo, se eu precisar. O jeito de fazer as coisas e qual o melhor caminho para eu seguir.”

Bess olhou para ele, séria, e balançou a cabeça.

“Talvez possam dizer onde procurar?”

“Exatamente.”

Ele então mostrou a ela um baú de lata cheio de bugigangas que ia levar junto com as coisas de sua mãe. Bess olhou para dentro e viu que estava cheio de botões, contas, guizos, alguns anzóis de pesca, um pouco de tabaco, pedaços de fita, pedaços de fio de cobre, uma pilha de lenços, uns pedaços de tecido colorido e pequenos fragmentos de espelho.

Bess disse que esperava que os índios ficassem satisfeitos com aquilo e Bellman falou que esperava isso também.

Ia escrever para ela, disse, e sempre que pudesse entregaria as cartas a comerciantes ou viajantes que as levassem para o leste, a algum lugar

como St. Louis ou St. Charles, para serem enviadas.

“Olhe, tenho até um tinteirinho aqui neste pregador atrás da lapela do casaco. Não vou ter nem de parar para te escrever uma carta, posso escrever de cima da sela enquanto sigo adiante.”

A coisa toda tinha acendido uma faísca dentro dele.

Durante metade de um dia, ficou sentado, sem se mexer.

Leu o papel mais de dez vezes.

Quando Bess veio do quintal querendo conversar e brincar, disse a ela para sair, ele estava ocupado.

Quando anoiteceu, acendeu o lampião e leu de novo. Ele buscou uma faca e o recortou, dobrou em quatro e guardou no bolso da camisa, perto do coração. Sentiu a respiração diferente. Não conseguia mais ficar parado. Andava de um lado para o outro e a cada meia hora pegava o papel dobrado do bolso da camisa, esticava em cima da mesa e lia de novo: não havia ilustrações, mas em sua cabeça pareciam ruínas de uma igreja, ou um naufrágio de pedra — os ossos monstruosos, as presas prodigiosas, expostas onde estavam, afundadas na lama salgada do Kentucky: dentes do tamanho de abóboras, escápulas de um metro de largura, maxilares que sugeriam uma cabeça do tamanho de um homem grande. Uma criatura completamente desconhecida. Um *animal incognitum*. As pessoas cutucavam e observavam os restos gigantesco, perguntando-se o que teria acontecido às enormes criaturas às quais os ossos pertenceram. Se talvez os mesmos monstros gigantesco ainda rondavam a terra nos territórios inexplorados do oeste.

Só de pensar nisso tinha uma espécie de vertigem.

Durante meses, não pensou em mais nada. Quando Bess vinha perguntar se queria jogar damas ou passear lá fora para cuidar da mulinha nova com a mancha branca na cara, ele dizia não. Por várias semanas passou a maior parte do dia na cama. Quando se arrastava para levantar, trabalhava mecanicamente no quintal e no pasto com os

animais e, quando nasceram as mulinhas, foi à cidade e as vendeu. Quando uma tempestade de inverno arrancou metade do telhado, ele consertou. Ele cozinhava, limpava de vez em quando e se assegurava de que Bess tivesse um par de sapatos nos pés, mas estava quieto todo o tempo e às vezes ficava de olhos vidrados, e ele não deixava Bess se aproximar. As feras gigantes pairavam por sua cabeça como as nuvens em formato de enormes criaturas que observava quando estava no quintal atrás da casa e inclinava a cabeça para olhar para o céu. Quando fechava os olhos, eles se moviam por trás das pálpebras na escuridão, lenta e silenciosamente, como se dentro d'água, caminhavam e flutuavam, imagens brotando sem parar em sua imaginação, então desapareciam nas sombras além dela, onde ele não conseguia alcançá-las, a única coisa que ficava em sua cabeça era a ideia delas vivas, perambulando lá no desconhecido, lá no oeste, além dos Estados Unidos, em algum tipo de sertão de rios, árvores, planícies e montanhas e para serem vistas com seus próprios olhos se conseguisse chegar até lá e encontrá-las.

Não havia palavras para explicar a comichão que sentia de que os animais gigantes eram de alguma forma importantes, apenas o formigamento quase como uma náusea e a consciência de que, para ele, era impossível agora ficar onde se encontrava.

Antes do fim do verão, estava na casa da irmã.

“Tudo o que posso dizer, Julie, é que parecem muito reais para mim. Só posso dizer que tudo o que eu quero no mundo agora é ir até lá, para o oeste, e encontrar esses bichos.”

*image
not
available*

luz da brancura até serem encobertos por ela e desaparecerem.

Durante uma semana ficou debaixo de seu abrigo e não se mexeu. Tudo estava congelado e, quando não conseguia acender uma fogueira, queimava o resto do peixe porque era melhor passar fome do que frio.

Então, uma noite, ouviu o gelo explodir e rachar no rio, e pela manhã joias brilhantes de neve derretida pingaram dos ramos emplumados dos pinheiros sobre seu rosto ressecado, queimado, sobre o nariz enegrecido.

Nesse dia, mais tarde, pegou um peixinho.

Começaram a aparecer frutinhas nas árvores e arbustos.

O inverno terminou, a primavera chegou, e ele continuou para o oeste.

*image
not
available*

que se quisesse ir. Por um preço, disse o comerciante de peles, ele podia lhe arrumar um índio e um segundo cavalo.

Na verdade, tinha a pessoa certa. Um feio rapaz shawnee de ombros estreitos que tinha o nome pouco promissor de Velha de Longe.

*image
not
available*

Velha de Longe tinha dezessete anos.

Não gostava muito de seu nome, mas lhe tinha sido dado e, por ora, era dele, e ia aguentar com ele até conseguir outro.

No fim, não houve nenhum tipo de batalha. No fim, tinham cedido, sucumbido, e concordado em receber o que ofereceram e se mudar para o oeste.

Como uma nuvem escura e rebaixada, eles se mudaram para o oeste através da paisagem, para longe do que tinha sido deles, acabaram por desempacotar tudo o que lhes haviam dado para irem embora e descobriram que receberam metade do prometido.

Estava tudo escrito no acordo com as quantidades listadas ao lado dos itens, mas mesmo antes de se encontrarem com o comerciante inglês, sr. Hollinghurst, e lhe contarem o que tinham assinado, o povo do rapaz sabia que o que fora prometido pelo representante do governo e o que estava escrito no papel não eram o que lhes tinham dado.

De tudo o que fora prometido, dava para ver pelo volume dos pacotes que havia menos da metade.

Metade do dinheiro, metade do tecido vermelho, metade dos lenços, metade do número de armas, metade da pólvora, metade das camisas brancas de babados, metade dos casacos azuis, metade do rum, metade do tabaco, metade das contas brancas, metade das contas vermelhas, metade das contas azuis, metade dos caldeirões, metade dos espelhos, e assim por diante.

Velha de Longe se lembrava de estar acordado, ouvindo os homens discutirem o que deviam fazer. Alguns diziam que deviam voltar e reclamar o resto das coisas que lhes tinham prometido. Então um

*image
not
available*

burros, mulas e católicos romanos. Ela fazia suas tarefas e, ao terminar, jogava damas consigo mesma ou saía para passear com sua mula favorita, e desejava que, igual a Sidney Lott, pudesse ir à escola.

Nos fins de tarde, sentava na varanda e olhava o caminho de pedras em direção ao oeste, e, um dia, na biblioteca de Lewistown, quando tia Julie tinha ido levar um bolo de grãos para uma mulher que quebrara o quadril, Bess pediu a um homem gordo de colete amarelo e óculos na ponta do nariz se podia dar uma olhada nos volumes da expedição do presidente para o oeste e ele disse que sim, se fosse assinante. Se fosse assinante podia olhar todos os livros que quisesse. Tudo o que tinha de fazer era pagar a inscrição, que era de nove xelins anuais.

Atrás dele, Bess podia ver fileiras e mais fileiras de livros em seus armários de vidro e mesas em que se podia sentar e ler. Havia gente ali naquele momento.

Nove xelins.

Na noite antes da partida do pai, ela tinha ficado deitada em sua cama estreita atrás da cortina e o ouvira contar para tia Julie à mesa que se precisassem de dinheiro havia o relógio e o anel de ouro de sua mãe. Ela olhou as fileiras de livros atrás do homem de óculos, as lombadas escuras e se perguntou quais seriam os livros certos. Queria tanto ver os mapas, os rios, os lugares onde os animais gigantes podiam estar e onde seu pai podia estar agora também, e depois olhar a rota que ele podia tomar na volta e poder guardar na cabeça uma imagem dele voltando para casa. Tentou pensar num jeito de tia Julie não notar que o relógio ou o anel de ouro tinham sumido, mas não conseguiu. O relógio na parede era a primeira coisa que se via ao entrar na casa, e ela nem sabia onde o anel ficava guardado. Seu pai o usava em um cordão debaixo da camisa.

O homem de óculos olhava para ela de sua mesa alta. Ela tinha idade suficiente para saber que o melhor a fazer quando se quer muito uma coisa era fingir que não quer. Virou-se e começou a se afastar, fazendo o possível para parecer digna e desinteressada. Mesmo assim, tinha quase certeza de que ele estava rindo por suas costas quando perguntou atrás dela se achava que tinha o dinheiro para a assinatura.

Não, disse Bess, não tinha.

O aniversário da partida de seu pai chegou e passou, e Bess fez onze anos. O inverno chegou de novo, e ela o imaginou voltando com uma

*image
not
available*

Bellman havia encontrado muitos nativos de nomes exóticos no decorrer de sua longa jornada, mas nenhum rotulado com tanta peculiaridade como esse. Ele estimava que Velha de Longe tivesse por volta de dezesseis anos, embora fosse difícil dizer. Com o rosto liso, sem barba, mesmo os homens mais velhos pareciam jovens, e todos, de qualquer idade, eram mais ou menos parecidos para Bellman.

Devereux tinha razão em dizer que o rapaz não era tão bem constituído como os outros — mal chegava a um metro e meio, as pernas eram arqueadas e finas, os olhos muito pequenos, como fendas, mas tinha um ar vivo, firme e, segundo o comerciante de peles, estaria disposto a trocar seu conhecimento das pradarias, sua habilidade com uma piroga e seu faro para raízes por um lenço, um pouco de tabaco ou umas quinquilharias sem valor que brilhassem quando o sol batesse nelas através dos salgueiros.

Conhecia o rapaz desde criança, disse Devereux. Durante sete anos o rapaz realizara tarefas e levava mensagens para ele, sempre rápido, sempre disposto e confiável. Faria bem a ele agora uma missão de batedor por conta própria. Deu uma piscada para Bellman. “Tirar o menino de debaixo da minha saia.” Deu um preço em dólares e xelins. “Ele é de confiança?”

O comerciante de peles deu um largo sorriso e um tapa nas costas de Bellman. Todo mundo que passava por aqueles lados mais cedo ou mais tarde ia lhe perguntar sobre os índios dali, querendo saber de seu caráter, se eram os mesmos que ainda permaneciam no leste ou outros. “Digo sempre a mesma coisa para eles”, Devereux esfregou as mãos sobre o fogo e convidou Bellman a encher o cachimbo com mais tabaco, “que são

*image
not
available*

A primavera chegou outra vez e Elmer Jackson conseguia um jantar ou pelo menos uma xícara de café três ou quatro dias por semana na casa de Bellman.

Sentia-se muito à vontade naqueles dias.

Tinha conseguido deixar de usar palavrões, e mais de uma vez, ao fim do dia de trabalho com as mulas ou depois de fazer diversos serviços avulsos pelo lugar, a irmã de Bellman lhe servia um prato de frios com uma fatia de bolo de gengibre ou um pedaço de torta de maçã.

Desde que o vizinho alto de pés grandes fora perambular no pôr do sol, Jackson tinha ido ajudar muitas vezes, para lá e para cá em seu cavalo cinzento de rabo branco. “Obrigada, Elmer”, a tia falava quando ele vinha, e repetia quando ele terminava o trabalho e ela servia café ao fim do dia e às vezes jantar, às vezes também bolo, ou torta.

Foi um grande momento para Elmer Jackson o dia em que chegara ao condado de Mifflin com bastante dinheiro no bolso, economizado e acumulado ao longo dos anos de trabalho em moinhos de grãos, fundições, cervejarias e os horríveis dezenove meses que passara no Exército do general Wayne em Ohio, para comprar seu pedacinho de terra. Foi um grande momento quando, depois de todos aqueles dias de dureza e noites miseráveis numa incessante sequência de barracas com goteiras, bunkers apertados e malcheirosos e acampamentos, tomou posse de sua parte de solo, para ter e conservar se assim o quisesse, perpetuamente.

Mas ele sempre gostara mais da casa de Bellman, sempre a preferira à sua. A grande jumenta reprodutora chegara um ano depois dele, e desde então ele apreciara o calor, a limpeza e os pequenos toques de beleza na

*image
not
available*

quando Bellman olhava, o rapaz não estava dormindo, mas ali deitado com seus olhinhos apertados, brancos e abertos no escuro.

Isso fazia Bellman se sentir seguro. O rapaz acordado daquele jeito, e alerta, vigiando por perigos que Bellman talvez nem soubesse que havia ali.

*image
not
available*

com garras.

Essas coisas estranhas e nada familiares davam esperança a Bellman e ele seguia em frente.

Acompanhado pelo rapaz, fez excursões ao norte e ao sul, na esperança de um avistamento, depois de alguns dias voltava ao rio, seguia então próximo ao leito por um dia ou dois, e repetia o exercício. Excursão. Rio. Excursão. Rio. Excursão. Essa era a sua lenta, tortuosa e laboriosa abordagem. Semana a semana, mês a mês, arrastando-se para oeste.

Havia momentos em que o chão em que pisava parecia oscilar de novo; quando estava desequilibrado, como ficara aquele dia em casa ao ler pela primeira vez sobre os ossos gigantes: quando a ideia de tudo o que ele não sabia o deixou tonto, quando entendeu que não podia ficar em casa. Tinha sido completamente incapaz de explicar aquilo para qualquer um, nem para Julie, nem para Elmer, nem mesmo para o novo bibliotecário que o ajudara a encontrar os mapas e os diários. Agora ele se perguntava se seria por parecer possível que, através dos animais gigantes, fosse possível abrir de alguma forma uma porta para o mistério do mundo. Havia momentos, ali no oeste, em que se deitava à noite e, enrolado no casaco, olhava o céu, lavado de estrelas, olhava a face brilhante e quebrada da lua e imaginava o que podia haver lá em cima também, o que encontraria se achasse um jeito de chegar até lá para dar uma olhada.

O inverno chegou de novo, e foi muito difícil. Tanta neve que Bellman pensou que seriam soterrados e nem mesmo o rapaz conseguia encontrar muita coisa em termos de comida no mundo gelado em torno deles. Nas noites mais duras, ocorreu a Bellman que o que podiam fazer seria deitar próximos um do outro para se aquecerem, mas não conseguia se imaginar fazendo uma coisa dessas: ele e o rapaz enrolados um contra o outro debaixo do casaco ou do cobertor. Mesmo nas piores noites parecia uma coisa impossível de propor, e os dois se deitavam separados nos braços gelados da noite. Durante longos períodos, não puderam viajar, e às vezes Bellman temia que havia chegado tão longe para não ir a lugar nenhum. Mas então a primavera voltou e de manhã acordavam com o céu claro e o rio sereno, e continuavam seu caminho.

Ele gostava da companhia tranquila do rapaz: sua presença constante e previsível; a visão dele à frente com a mão apoiada de leve no arco de

*image
not
available*

Mesmo assim, era um consolo.

Ela levou os joelhos ao queixo e puxou a colcha sobre os ombros. Além da cortina da frente da cama, o relógio tiquetaqueava.

Duas da tarde era a hora em que Elmer Jackson costumava aparecer naqueles dias; nove ou dez da noite a hora em que pegava o chapéu, dava boa-noite para tia Julie, montava em seu cavalo cinzento de rabo branco e ia embora.

*image
not
available*

Agora, toda vez a tia o convidava para ficar para o jantar.

Ele passava os dias limpando o quintal e o pasto, dava forragem aos animais e à noite ela lhe oferecia um prato de frios e uma xícara de café quente, um pedaço de bolo ou torta antes de ele ir embora.

Uma noite, antes de a menina ir para a cama, e com a tia de costas, ele se debruçou na mesa e com o polegar desenhou um círculo no dorso da mão dela ao lado do prato. Ela olhou firme para ele, mas pareceu não entender direito o que ele pretendia e, no momento seguinte, a tia estava de volta a seu lugar e mandou a menina para a cama, e ele voltou a prestar atenção no jantar.

Ele se repreendeu depois. Parecia-lhe que não devia ter tentado nada tão tímido, que o elemento surpresa era importante, quando chegasse o momento certo. “A última coisa que você quer”, disse a si mesmo, “é que a tia desconfie.”

*image
not
available*

diferente. “Venha”, ele disse.

Eles tomam um rumo para longe do rio.

Viajam para sudoeste por uma distância de quinhentos e sessenta quilômetros. Chegam a outro rio, que, a essa altura, Bellman não faz ideia de qual seja. Atravessam-no e ele espera que o índio se lembre do caminho de volta, que tenha uma parte especial do cérebro que memoriza essas coisas, talvez por meio das solas dos pés.

Ele está muito mais animado agora. Depois daquele vacilo no rio, recuperou o entusiasmo. À noite, estica-se satisfeito em seu casaco depois de mais um longo dia de viagem e aproveita umas boas baforadas do cachimbo, escreve para Bess. Há algo infinitamente agradável no rápido alvoroço dos morcegos nas árvores a essa hora do dia, e na macia crepitação de insetos em toda a volta: um vai e vem sussurrado, como se a própria terra respirasse. Preocupa-se um pouco com cobras, é verdade, com ursos, e lobos que escuta uivando às vezes, à noite. Mas no geral raramente se detém nesse medos e, quanto a tudo o que pode haver pela frente, ele continua muito mais excitado do que ansioso, mais cheio de otimismo do que de qualquer tipo de temor. Está convencido de ter razão ao pensar que seu erro até então foi ficar colado demais ao rio, e que, agora que corrigiu esse erro, as coisas logo iriam melhorar. Ainda tem no baú de lata um pequeno suprimento de badulaques para trocar por comida, se surgir a necessidade, com quaisquer selvagens que possam encontrar, do tipo infantil e não da variedade feroz, que pega escravos. Tem pouca pólvora e munição, mas, enquanto o menino fizer a parte do leão na caçada, ele calcula que conseguirá aguentar um pouco.

Ele agora chama o rapaz de “Velha”, de um jeito brincalhão e afetuoso.

Às vezes, pensa: e se eu levar esse rapaz de volta comigo quando a gente tiver cumprido nossa missão? Mais um ajudante no lugar ao lado do Elmer? O que Julie iria dizer disso? Bellman ri, tentando imaginar a cara da irmã.

*image
not
available*

tivessem deixado passar? Era seu objetivo encontrar uma passagem de água boa e calma que evitasse as montanhas e o levasse, e a todos que quisessem ir até lá, direto até o oceano Pacífico?

O homem de cabelo vermelho deu uma risada mansa e balançou a cabeça. Pousou uma das mãos grandes de modo depreciativo no peito. Não, não, nada disso, embora, a propósito, tivesse examinado os diários da expedição do presidente e acreditasse que havia algumas coisas grandes que os dois intrépidos capitães e seus homens pudessem ter deixado passar.

Devereux olhou então para o índio.

Ele estava com o casaco de lã marrom do homem, a cartola preta e, debaixo do casaco, usava o que parecia uma blusa de mulher, rosa e branca. Não havia sinal de seu cavalo marrom, e ele conduzia o cavalo preto do homem. Havia fitas em seu cabelo e fios de contas de várias cores em torno do pescoço. Um guizo e um dedal de cobre pendurados em uma das orelhas e, pelo que o comerciante de peles podia ver, estava com as duas armas de Bellman, a machadinha, a faca, o cobertor enrolado, o grande baú de lata, as várias bolsas e trouxas.

Até esse momento, Devereux tinha esquecido totalmente do louco aventureiro de cabelo vermelho.

Só a visão do rapaz cavalgando para dentro do posto comercial, vestido com as roupas do homem e montado em seu cavalo, o lembrou do encontro.

Não tinha pensado em Bellman praticamente nem uma vez desde a manhã em que ele partira, o rapaz shawnee de pernas arqueadas trotando atrás dele carregado com carne de búfalo, peixe seco e uma grande quantidade daqueles bolinhos de raízes que os índios fazem, de que Devereux não gostava muito, mas que eram sempre úteis numa emergência.

Ele então ergueu o mosquete à altura do ombro e o pressionou no rosto do rapaz, arrancou o chapéu de Bellman de sua cabeça cheia de fitas, pôs no chão e fez sinal com a bota para o rapaz abrir as bolsas e o baú de lata e mostrar o que sobrara da aventura de Bellman. Ele pressionou o mosquete com mais força no rosto do rapaz.

“O que aconteceu?”